

O pequeno estudo compõe-se de oito partes, bem destacadas e insere uma Bibliografia consultada e oito documentos em anexos.

Trata-se de um trabalho útil e dos poucos que tem chegado até nós; dada talvez a dificuldade de comunicações entre as regiões brasileiras.

J. S. WITTER

* *

*

TINHORÃO (José Ramos). — *Música popular: teatro & cinema*. Petrópolis, Editora Vozes, 1972. 288 páginas.

Nesta obra é focalizada pela primeira vez a relação entre “a música popular e dois de seus mais importantes veículos de divulgação, ao lado do disco, do rádio e da TV: o teatro de revista e o cinema”.

O levantamento baseou-se em pesquisa de toda a bibliografia disponível, pouco numerosa e rara, como também nas informações de jornais, revistas, e partituras antigas. As entrevistas com pessoas ligadas a teatro musicado e cinema forneceram um material fecundo e vivo, que o autor soube trabalhar com espírito crítico, captando processos sociais e opções dos indivíduos no decorrer de suas carreiras.

É o caso do compositor Hekel Tavares, “alto, elegante, dono de uma bela cabeleira que o tornaria na velhice a figura clássica do maestro”, falecido em 1969 e entrevistado pelo autor um ano antes de sua morte. Ressaltamos esse capítulo, dada a importância de Hekel não só no teatro musicado, mas também na canção brasileira. A certa altura da carreira, “já então consciente de que qualquer nova concessão o desviaria do seu caminho, Hekel Tavares vende corajosamente a sua casa da Gávea para continuar editando do próprio bolso a sua obra sinfônica”. O autor o considera injustiçado pela crítica erudita, mas compensado pelo sucesso popular, exemplificado na canção *Guacira*.

Alem desse capítulo, que destacamos particularmente pela importância do compositor no panorama da música brasileira e pelo tratamento crítico emprestado por José Ramos Tinhorão, muitos outros temas são abordados no mesmo nível de pesquisa e interpretação: a era das revistas, o advento do show, os músicos de revistas e a contribuição dos compositores ao teatro musicado: Freire Júnior, José Francisco de Freitas, José Barbosa da Silva (Sinhô), Henrique Vogeler, Eduardo Souto, Lamartine Babo, Ari Barroso.

O autor correlaciona as transformações do teatro de revista à ascensão e diversificação da classe média, que passa a exigir o espetáculo sofisticado e luxuoso.

A segunda parte da obra estuda a música popular no cinema: a música das salas de espera, a era das valsas, a invasão estrangeira, a música popular nos filmes brasileiros, os discos e o som, o carnaval no cinema, as chanchadas musicais e a música dos documentários. Como apêndice há uma relação de filmes com aproveitamento de temas, danças e música popular do fim do século XIX até o advento do cinema falado.

“Para os músicos mais humildes tinha chegado o fim das suas relações com o cinema. E o mais doloroso é que esse fim não ia perder, em termos de tragédia, nem mesmo para os próprios enredos de tantos filmes mudos que os músicos de cinema tinham ajudado a animar”. No início de 1930 começam a se extinguir as orquestras de sala de espera substituídas pelas vitrolas, e o autor conta o caso de um pianista, dispensado da sua função artística, a quem se ofereceu continuar em serviço, mas trocando discos do gramofone.

Essa transformação tecnológica reveste-se de grande importância, se lembrarmos que músicos como Nazareth tocavam nos cinemas. Aliás, é uma constante na obra de Tinhorão a nostalgia diante de certas mudanças sociais que repercutem na música do povo. Parece que não se trata de saudosismo ou atitude conservadora quanto à tecnologia: é apenas um brado de alerta face à desumanização. É a máquina sobrepujando o homem, a lembrar o desempregado crônico da sociedade industrial, Carlitos, mencionado pelo autor na introdução da obra.

LEA VINOCUR FREITAG

* . *

*

TINHORÃO (José Ramos), *Música popular de índios, negros e mestiços*. Petrópolis, Editora Vozes, 1972. 204 páginas.

Na introdução da obra o autor afirma que a História da Cultura no Brasil tem sido identificada à cultura das elites, e que mesmo alguns folcloristas ainda superestimam as origens milenares, as genealogias, os paralelismos com os fenômenos universais. Propõe, portanto, um

“levantamento da história quase clandestina de uma cultura popular ao nível das camadas mais baixas dos mais antigos núcleos de vida urbana colonial, até a atualidade”.

O trabalho engloba a música dos índios e jesuitas, negros das irmandades religiosas, bandas de músicas das fazendas, como também dos barbeiros do Rio de Janeiro e Bahia. Em relação às músicas e danças de negros e mestiços destacamos a fofa, os batuques, o lundu-canção, a música dos negros da rua e